

- Lázaro, Juan Carlos (2009) "Notas sobre mi desarrollo, 1978-2008". En: *Juan Carlos Lázaro. Pintura y dibujo 2000-2008*. Don Benito (Casa de Cultura, 3-30 abril). Catálogo de exposición. ISBN: 978-84-9363632-4-1.
- Lázaro, Juan Carlos (2004-2005) *Pintura ref. 147*. [Consult. 2009 11 26]  
Reproducción de pintura. Disponible en <URL:  
<http://www.juancarloslazaro.com/MostrarImagen.aspx?src=01.%20Etapas/04/02Pinturas/22.jpg>>
- Lázaro, Juan Carlos (2006-2007) *Dibujo nº 42*. [Consult. 2009 11 26]  
Reproducción de pintura. Disponible en <URL:  
<http://www.juancarloslazaro.com/MostrarImagen.aspx?src=01.%20Etapas/04/03Dibujos/05.JPG>>
- Matisse, Henri (1978) *Sobre Arte*. Barcelona: Barral Editores. ISBN: 84-211-7531-9
- Thompson, Don (2009) *El tiburón de 12 millones de dólares*. Madrid: Ariel. ISBN: 978-84-344-8837-3

### 3.53 Chadwick's Self-Portrait: novas abordagens

Maria Manuela Lopes\* & Paulo Bernardino\*\*

**Abstract:** *Self-portrait has been widely debated in last century's art history. Helen Chadwick's work has been addressed as belonging to feminist discourse or threshold of art and science. We claim that her 1991 self portrait may be seen beyond the empty dualistic discourse of body-mind and linked to a pre-cognitive notion of identity, as a critique to the technologization of medicine and society and as an evocation of a death ritual.*

**Keywords:** *self-portrait, brain, image, identity, touch.*

**Resumo:** *O auto-retrato tem sido largamente debatido no último século, o trabalho da Helen Chadwick tem sido colocado num limiar do discurso feminista ou da arte e ciência. Propomos que o seu auto-retrato de 1991, seja entendido, além das esvaziadas dicotomias de corpo e mente, num discurso pré-cognitivo sobre a identidade, como uma crítica à tecnologização da medicina/sociedade ou como a evocação de um ritual funerário.*

**Palavras chave:** *auto-retrato, cérebro, imagem, identidade, toque.*

#### Introdução

O corpo tem sido um lugar onde a identidade se tem construído (e actuado) entre fronteiras: de raça, sexualidade ou género. Vários artistas tem explorado o seu próprio corpo para se aproximarem destas questões intrínsecas à auto-reflexividade e à condição incorporada que temos, face também ao aumento, da realidade virtual. A obra de Chadwick não foge a esta categoria, tendo a autora explorado a imagem, a acção e fragmentos do seu corpo (e de outros como sua mãe ou fetos) em vários momentos ao longo da sua carreira.

---

\* Portugal, Ectopia, Instituto Gulbenkian de Ciência/Fundação Calouste Gulbenkian (IGC/FCG), e University for the Creative Arts, (UCA) Surrey, Inglaterra. Artista visual e investigadora em Portugal e no Reino Unido. Prática transdisciplinar sobre memória, identidade e consciência informada pela biologia e medicina. Escultora pela FBAUP, Portugal; MA pelo Goldsmiths College UK e doutoranda na UCA, bolsa FCT (SFRH / BD / 37721 / 2007). Co-Direcutora Ectopia e Cultivamos Cultura.

\*\* Portugal, Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro (UA), Portugal. Artista visual e professor. MA, Royal College of Art, Londres. Doutor em Estudos de Arte, UA.



**Figura 1.** Fotografia 'cibachrome' em suporte de vidro e aço com iluminação eléctrica por trás, *Self Portrait* (Helen Chadwick, 1991).

Chadwick é frequentemente associada ao discurso feminista sobre a sedução, assim como ao abordar de políticas e ligações que envolvem o retrato feminino e a questão do corpo nu. Por vezes atenta, afirmativamente, à condição carnal da nossa existência, ao desejo, às ligações maternas ou ao espaço e objectos que identificamos. Nesse processo mistura imagens de materiais delicados - flores ou materiais orgânicos microscópicos - processos de execução e produção material sofisticados quase no domínio do design. Explora o refinado e delicado, por contraste, quando usa materiais algo repulsivos como carne ou outros órgãos de animais ou material orgânico em decomposição.

Essa exploração é levada a um limite quase 'chocante' quando utiliza fetos ou cérebros de humanos nas suas imagens e objectos - produzidos nas residências artísticas que desenvolveu em hospitais. Contudo, se em ciência e medicina a ética é parte de uma reflexão filosófica permanente, resultando em normas e procedimentos

profissionalmente acordados traduzidos em consentimentos informados, em arte, parece que esse assunto é uma negociação entre entidades produtoras/promotoras e o público, assentando em bom senso e acordos voláteis e contextualmente variáveis.



**Figura 2.** Fotografia 'cibachrome' em suporte de vidro e aço com iluminação eléctrica por trás, *Self Portrait* (Helen Chadwick, 1991).

De que trata então a fotografia 'cibachrome' oval em suporte de vidro e aço e iluminada por trás?

Em primeiro lugar, sem entrarmos no conteúdo que a imagem fotográfica engloba, há que considerar o papel articulador ou comunicante entre os suportes e os meios – fotografia como objecto – que esta obra despoleta.

Várias questões nos assaltam numa primeira reflexão em torno deste objecto; donde ele parte: crítica a uma postura demasiado mental da arte contemporânea? identificação da identidade acentuadamente

racional? paródia da leitura do (seu) self feminino? Ou onde ele chega: Discutir o papel da medicina, através das imagens, na construção da identidade? Na inter-relação entre tecnologia, ciência e cultura? O papel do retrato na era da biologia molecular? Movimento do espaço orgânico para o sociocultural; a questão da re-contextualização? Repulsa/abjecção ou sagrado/veneração? Amor e protecção ou escrutínio e objectividade?

### 1. Leituras comuns deste auto retrato:

Pela impossibilidade de vermos ou ‘tocarmos’ o interior do nosso corpo ele sempre foi sacralizado e desejado. A experiência da patologia (além da guerra e das catástrofes) foi durante muitos séculos a única via para a aproximação a esse domínio da nossa dimensão. Com o desenvolvimento das tecnologias de visualização auxiliares à medicina a fronteira entre o interior e o exterior do corpo foi-se esbatendo. No último século imagens do interior do corpo tem sido largamente democratizadas construindo um imaginário até então difícil. Hoje temos o arquivo – digital – mediando essa experiência (e.g. Visible Human Project). Contudo, nesta *imagem-objecto* a artista não nos apresenta uma Ressonância Magnética do seu cérebro, mas umas mãos femininas (supostamente as suas) segurando um tecido cerebral que pretende (?) seja lido como o seu. Nessa impossibilidade que se esgota após uns segundos de separação ao título da obra, a *organicidade* do cérebro é segundo Robert Zwinberg (2009, 1), anónima. Tanto as mãos como o cérebro são irrefutavelmente partes de corpo “de alguém” e pelas características morfológicas, sociais e psicológicas de uma pessoa caracterizamos a sua identidade. A maior diferença apresentada assenta na imediata ligação entre: as mãos com os anéis, as unhas limadas e a autora, com as suas características de género, profissão ou idade; E por contraste, a impossibilidade de aferirmos propriedades identificadoras no órgão cérebro, além das suas propriedades materiais traduzidas ou mediadas pela imagem.

Zwinberg (2009, 1) vê também o objecto como um espelho, pois a única forma que podemos perceber que vemos um cérebro é por termos um também: “*I am also looking at a self-portrait of myself engaged in a similar pursuit of self-identity*”.

Não descartando nenhuma das leituras apresentadas sobre esta obra sugerimos:

## 2. Novas considerações em três momentos:

### 2.1 Discurso pré-cognitivo sobre a identidade

Partindo de um nível de existência fundamental, quase num estágio pré-cognitivo da consciência, ao que Merleau-Ponty (2002) apelidou de ‘consciência incorporada’ ou ‘intencionalidade básica’, temos o corpo em relação directa com o espaço e tempo do mundo em que vivemos. Este corpo em movimento que se move está investido naturalmente de uma certa significância perceptual ou de um sentido prático. Pia Kontos (2006) por seu lado entende a auto-identidade como inerente a esta intencionalidade corpórea e não reflexiva, sendo inata aos (e actuada nos) movimentos do corpo. Exemplos destas determinações poderiam ser tidos na relação directa entre uma dor no corpo e o movimento reflexo de colocar a mão por cima - operação que decorre no domínio do fenomenológico. Tarefas apreendidas como escrever à máquina, tocar um instrumento ou fazer tricot, parecem corresponder a essa ‘consciência incorporada’ ou memória implícita que não é perdida mesmo em casos de amnésia ou demência. Esta constatação parece paradoxal em relação a afirmações das neurociências onde perda de memória equivale a perda de identidade (Kandel, 2002)

A nossa proposta olha esta imagem como reflexão sobre a construção de identidade pelo conhecimento ‘das mãos’ em contraponto com as crescentes objectivações do entendimento do ser.

### 2.2 Crítica à tecnologização da medicina/sociedade

Em 1895 o prémio Nobel da Medicina, Wilhelm Röntgen, descobriu a possibilidade de tornar o ‘corpo transparente’ com a revelação de uma imagem da mão da esposa exposta aos raios catódicos. O resultado desta experiência correu mundo em pouco tempo associando leituras sobre a ausência do corpo ou a inevitável morte pela permissão do acesso à imagem simbólica do esqueleto.



**Figura 3.** Fotografia X-ray of Bertha Rontgen's Hand (University of Iowa Medical Museum).

Mais tarde outras leituras como na montanha mágica de Thomas Mann, vêm acrescentar valor simbólico ao facto da imagem ser de uma mão com anéis de comprometimento e casamento, associando novos pendores de temporalidade e transcendência ao da condição orgânica dos humanos. Propomos que Chadwick refez a sua aproximação a esta imagem (que seguramente conhecia) acrescentando visivelmente a ideia ao *tocar* como que numa crítica ao ênfase da tecnologização e mediação visual da medicina e da sociedade que retira poder e conhecimento ao tacto e outros sentidos que se secundarizam em detrimento da racionalização e articulação linguística. Paralelamente a um comentário sobre a mudança de paradigma da medicina (Crary, 1999 e Foucault, 1976) propomos que a autora apelava à experiência temporal e à percepção multissensorial.

### 2.3 Ritual funerário

O toque é uma riqueza e necessidade humana - enquanto gesto faz parte da nossa identidade pessoal e cultural. O sentido de ausência é grandemente associado à incapacidade de sentir fisicamente o outro. A noção de dor e de presença/ausência é uma questão que tem sido debatida à volta da imagem pela sua capacidade significante e simbólica (Latour, 2002 e Sontag, 2003). A fotografia, tem sido usada como veículo de exteriorizar memórias na sua capacidade de souvenir que nos faz viajar no tempo e espaço para além da temporalidade/materialidade do corpo. A dificuldade que temos de lidar com a separação é visível na necessidade de treino que as crianças têm de passar para se desvinculem do corpo físico da mãe substituindo progressivamente por imagem e rotinas. Visível também é a necessidade de rituais funerários que nos impele a lutos, à procura do corpo cadáver para homenagear, velar, enterrar ou cremar. Ao longo da história temos assistido a diversas formas de preservar do corpo/imagem póstumas (desde a mumificação, ou das máscaras de cera à pintura ou fotografia), essa vontade de assegurar a representação do corpo é, segundo a nossa opinião, o desejo de tocar intimamente, conhecer sempre e mais a nós e ao outro. Uma forma de transformar a inevitável e cruel separação numa performance - depositada em objectos artísticos.

### Conclusão

Se num olhar primeiro vemos o objecto iluminado com a novidade da materialidade viscosa e brilhante do órgão cérebro, na nossa tentativa de construir novas interpretações seguimos um percurso de praxis de artistas que acreditam num conhecimento do mundo perto de algumas propostas filosóficas da prática, tão associada às mãos, que questiona o paradigma da primazia da visão e da natureza epistemológica da imagem ou da objectividade científica a ela associada, e que propõe na pele a verdadeira interface como a experiência do mundo. •

### Referências

Crary, Jonathan, (1999), *Techniques of the Observer: on Vision and Modernity in the Nineteen Century*, Cambridge: MIT Press. ISBN: 978-0262531078

- Foucault, Michel, (1976), *The Birth of the Clinic: an Archaeology of Medical Perception*, Tavistock: London. ISBN: 978-0679753346
- Kontos, Pia C., (2006), 'Embodied Selfhood: An ethnographic exploration of Alzheimer's Disease', in Leibing, Annette ed., *Thinking about Dementia: Culture, Loss, and the Anthropology of Senility*, Rutgers University Press. ISBN: 978-0813538037
- Latour, Bruno & Weibel, Peter, (2002), *ICONOCLASH: Beyond the Image Wars in Science, Religion and Art*, Massachusetts: The MIT Press. ISBN: 0-262-62172-X
- Merleau-Ponty, (2002), Maurice, *Phenomenology of Perception*, Londres: Routledge. ISBN: 978-0415278416
- Sontag, Susan, (2003), *e*, Lisboa: Gótica. ISBN: 9789727920891
- University of Iowa Medical Museum. *X-ray of Bertha Rontgen's Hand*. [Consult. 2009-12-20] Fotografia. Disponível em <URL: <http://www.uihealthcare.com/depts/medmuseum/galleryexhibits/collectingfrompast/xray/xray.html> >
- Zwijnenberg, Robert, (2009), *Brains, Art, and the Humanities*, pdf, aguarda publicação Holanda: TAGC.